

Veja experiência no Willie Davids

Fonte: Jornal de Londrina <http://www.jornaldelondrina.com.br/cidades/conteudo.phtml?tl=1&id=1394915&tit=Marcas-da-degradacao>

Terça-feira, 30 de julho de 2013 - Londrina: Cidades

Marcas da degradação

Espaços públicos, imóveis comerciais e residenciais têm sido alvo constante dos pichadores em Londrina

30/07/2013 | 00:01 Marcelo Frazão

Muros pichados passaram a ser um tema preocupante em Londrina. A visibilidade do problema em espaços públicos – como a Concha Acústica e o Zerão – além de muros de casas, comércio e escolas piora a paisagem urbana local e coloca uma interrogação nas autoridades sobre como tratar o tema.

A situação tornou-se tão evidente que, desde o começo do mês, o próprio prefeito Alexandre Kireeff, em sua página pessoal no Facebook, tem protestado contra pichadores que insistem em atingir a Concha Acústica, espaço histórico central da cidade. “Nós vamos pintar de novo, consumindo recursos, dinheiro da população, para preservar o patrimônio público”, afirmou. “Vamos pintar pela nona vez este ano”, lamentou Kireeff. “O conserto exige recursos econômicos e humanos que fazem falta em outros serviços públicos”, resumiu.



Prefeitura removeu as pichações no Anfiteatro do Zerão, mas em menos de um mês, os vândalos voltaram ao local

Pichadores □ **“Pode pintar mil vezes”** O estudante universitário Daniel Chaves, 21 anos, transita em grupos de movimentos urbanos, mas mantém-se longe das pichações. Prefere o slackline – atividade feita com uma corda elástica esticada, amarrada em dois pontos - onde tenta se equilibrar. Enquanto pratica no Zerão, conta que convive com muitos deles. “O pessoal geralmente faz por prestígio. Quem picha tenta deixar a sua tag [assinatura] cada vez mais alto em locais cada vez mais difíceis.” Daniel diz que pichadores são persistentes e gostam do enfrentamento. “Citaria a seguinte frase que já ouvi: pode pintar mil vezes que vão haver mil outras pichações.” Um skatista assume-se como pichador. Aos 18 anos, diz que pichar é uma posição “de atitude”, “contra o sistema” e “causada pela opressão”. Justifica a prática como protesto contra a atividade policial “que esculacha quem fica na rua”.

Dentro da administração, a ordem é não dar espaço, apagando pichações de forma imediata. Mas a velocidade dos pichadores tem sido muito maior que a capacidade do poder público de remediar a situação.

Poucos locais públicos escapam das tintas e da ousadia dos sprays. Um mês atrás, a concha do Anfiteatro do Zerão, por exemplo, foi inteiramente recuperada pela Prefeitura para uma esperada apresentação da Orquestra da Universidade Estadual de Londrina durante o Festival de Música.

A apresentação acabou cancelada em razão das chuvas, mas se o concerto tivesse acontecido, o cenário revelaria uma cruel disputa visual entre os músicos da orquestra e o

emaranhado com centenas de pichações que voltaram a dominar o local, logo no dia seguinte à pintura.

“Não durou nada. Deixaram pintadinho e virou isso aí”, indigna-se Zita Totene, 64 anos, diariamente na área para uma caminhada de fim de tarde. “Muito difícil para Londrina conviver com um espaço bonito, mas ao mesmo tempo estragado assim”, concorda a amiga Cleusa Correa, 69 anos.

No centro da cidade, raros prédios públicos se salvam das marcas de pichadores. Mesmo as bibliotecas públicas Municipal e Infantil tornam-se alvo constante de assinaturas e mensagens ininteligíveis, que só parecem fazer sentido para o autor da “façanha”.

No calçadão da Avenida Paraná, por exemplo, cabines telefônicas tentam manter o estilo inglês em meio a riscos e mensagens feitos em tinta spray. Distante dali, muros de imóveis da Rua Humaitá também estão abarrotados de inscrições, assinaturas e frases de protesto.

Em meio à poluição visual e depredação do patrimônio público e privado, é possível distinguir, pelas assinaturas, grupos que se enfrentam na disputa ilegal pelo espaço. Em todos os locais, as assinaturas de pelo menos cinco grupos de pichadores aparecem com frequência – mas nunca ninguém foi identificado.

Vicente Rijo apoia grafite

O Colégio Estadual Vicente Rijo está em um dos cruzamentos mais conhecidos de Londrina, entre as avenidas Higienópolis e JK. O enorme muro branco é um convite aos pichadores. Resultado: gastos quase mensais de cerca de R\$ 3 mil com tinta e mão de obra para apagar as marcas da tinta spray.

Dois meses atrás, a diretora Cleise Mari Horn recebeu integrantes do **Movimento Londrina Pazeando**, que propuseram pintar no muro imagens ligadas ao tema da paz. A conversa evoluiu e, com a UEL, o colégio começou oficinas de grafite com os estudantes. “Esperamos que os pichadores

respeitem os grafiteiros”, diz a diretora. “É uma aposta”, afirma, com base na garantia de que, entre pichadores, há um “código de ética” que define como intocável uma área com arte em grafite.

À exceção de uma pichação interrompida na metade, o muro do Vicente Rijo tem permanecido íntegro – em destaque, apenas os desenhos com motivos ambientais feitos pelos alunos. Em 20 dias, tudo deve ficar pronto. “Para mim, pichação significa sujeira mesmo”, diz a diretora.

Guarda organiza força-tarefa

Após flagrar e apreender pichadores em vários locais da cidade neste ano, a Secretaria Municipal de Defesa Social promete, em breve, divulgar um plano antipichação, que inclui monitoramento por câmeras e formação de uma rede de apoio da comunidade, estimulada a denunciar.

“Formaremos uma força-tarefa entre PM, Polícia Civil, Guarda [Municipal] e moradores”, diz o secretário Rubens Guimarães, coordenador da Guarda Municipal. Após quase perder a batalha para os pichadores na Concha Acústica, o espaço foi “reconquistado”. “A câmera ligada à central monitorava apenas a parte externa da Concha. Agora, flagramos tudo o que acontece dentro de toda a praça”, assegura. O Zerão também deve ser monitorado por câmeras, mas não há prazo.

Sobre áreas privadas, o secretário sugere que os moradores não deem espaço aos pichadores e repintem rapidamente o local para inibir a prática. Guimarães incita grupos de pichadores a “retirar o capuz e aparecer” para reivindicar locais autorizados para o grafite, deixando a pichação de lado.